

Evasão na EJA em tempos de pandemia: um legado ou um ponto de aprimoramento?

João Nilson Leão Sanches

Universidade Autónoma de Assunção – UAA

Resumo:

Este estudo tem como objetivo geral discorrer sobre os impactos da COVID 19 no contexto educativo da EJA – Educação de Jovens e Adultos – e suas possíveis repercussões no aumento dos casos de evasão escolar. Para isso, analisa pesquisas sobre o assunto e aprofunda a discussão com teóricos que se debruçam sobre o fenômeno da evasão e das especificidades da EJA, compondo um estudo qualitativo de natureza bibliográfica. Os resultados indicaram que o contexto de pandemia foi determinante para a ampliação dos casos de evasão, revelando que há muitos fatores que fomentam o abandono escolar desse público, sendo os mais expressivos a necessidade de trabalho, dificuldades tecnológicas e escolares.

Palavras-chave: COVID 19. Educação de Jovens e Adultos. Evasão Escolar.



Recebido em: Agosto 2024; Aceito em: Jan. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2025.550

Entre Polos e Confluências: diálogos acadêmicos multitemáticos

Março, 2025, v. 3, n. 24

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



Dropout in EJA in times of pandemic: a legacy or a point of improvement

Abstract:

The general objective of this study is to discuss the impacts of COVID 19 on the educational context of EJA – Youth and Adult Education – and its possible repercussions on the increase in cases of school dropout. To this end, it analyzes research on the subject and deepens the discussion with theorists who focus on the phenomenon of dropout and the specificities of EJA, composing a qualitative study of a bibliographic nature. The results indicated that the pandemic context was decisive for the increase in dropout cases, revealing that there are many factors that foster the school dropout of this public, the most expressive being the need for work, technological and school difficulties.

Keywords: COVID 19. Youth and Adult Education. School Dropout.

Abandono en EJA en tiempos de pandemia: un legado o un punto de mejora

Resumen:

El objetivo general de este estudio es discutir los impactos de la COVID 19 en el contexto educativo de la EJA – Educación de Jóvenes y Adultos – y sus posibles repercusiones en el aumento de los casos de abandono escolar. Para ello, se analizan las investigaciones sobre el tema y se profundiza la discusión con teóricos que se centran en el fenómeno de la deserción y las especificidades de la EJA, componiendo un estudio cualitativo de carácter bibliográfico. Los resultados indicaron que el contexto pandémico fue determinante para el aumento de los casos de deserción escolar, revelando que existen muchos factores que fomentan la deserción escolar de este público, siendo los más expresivos la necesidad de dificultades laborales, tecnológicas y escolares.

Palabras clave: COVID 19. Educación de Jóvenes y Adultos. Deserción escolar.

Introdução

A pandemia de Covid-19 impôs desafios sem precedentes à educação no Brasil, afetando de maneira profunda a operação das instituições escolares. A necessidade de distanciamento social resultou na paralisação das aulas presenciais, exigindo uma adaptação ágil por parte de alunos, professores e gestores. Esse contexto revelou desigualdades pré-existentes, expondo lacunas no acesso à tecnologia e na formação dos educadores para o ensino remoto.

Neste capítulo, investigaremos como a pandemia impactou a educação brasileira, com um foco especial nas dificuldades enfrentadas e nas transformações que ocorreram. Inicialmente, abordaremos os efeitos gerais da Covid-19 no setor educacional, destacando os principais desafios para alunos e

professores. Em seguida, analisaremos a Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante a pandemia, examinando o impacto dessa modalidade e as estratégias implementadas para atenuar os danos à aprendizagem.

Além disso, realizaremos uma análise dos obstáculos enfrentados pelos docentes, que foram compelidos a se reinventar diante das exigências do ensino remoto. Um aspecto fundamental nesse contexto foi o letramento digital na EJA, sublinhando a necessidade urgente de capacitar os alunos no uso das tecnologias educacionais. Por fim, discutiremos a transformação digital na educação, enfatizando o surgimento de um novo modelo de aprendizagem que integra o ensino presencial e remoto, refletindo sobre o futuro da educação no Brasil.

Os Impactos da Covid-19

A pandemia de COVID-19 impôs à sociedade global desafios sem precedentes, afetando de forma profunda diversos setores, incluindo a educação. No Brasil, a gravidade da situação foi oficialmente reconhecida em fevereiro de 2020, quando o Ministério da Saúde publicou a Portaria nº 188, que declarou estado de emergência em saúde pública em decorrência do novo coronavírus. Essa ação foi rapidamente seguida pela promulgação da Lei nº 13.979, a qual estabeleceu medidas para interromper a disseminação da pandemia.

Diante desse cenário devastador, o mundo se viu obrigado a buscar soluções que equilibrassem a preservação da vida com a manutenção de uma certa "normalidade" social e econômica. A imprevisibilidade da crise, juntamente com sua longa duração, exigiu que organizações internacionais, como a Organização Mundial da Saúde, e instituições nacionais, entre elas o Ministério da Educação no Brasil, elaborassem estratégias para assegurar a continuidade do ensino.

Nesse contexto, o Ministério da Educação, em parceria com o Conselho Nacional da Educação, divulgou a nota técnica nº 32/2020, que tinha como propósito estabelecer diretrizes para minimizar os impactos da pandemia na educação, garantindo a continuidade das atividades escolares. O documento

ressaltava a importância de mitigar os efeitos negativos do isolamento social na aprendizagem dos estudantes, em virtude da suspensão prolongada das aulas presenciais.

A necessidade de uma rápida adaptação a essa nova realidade resultou em diversas modalidades de interação entre professores e alunos durante a pandemia. Conforme afirmam Pasini, Carvalho e Almeida (2020), "o isolamento social provocado pela COVID-19 levou bilhões de pessoas a...".

O acesso desigual à tecnologia e à internet de qualidade é um dos desafios mais prementes no contexto educacional atual. Dados do Comitê Gestor da Internet (2018) mostram que uma parte significativa da população, principalmente das classes mais desfavorecidas, conecta-se à internet somente através de smartphones, frequentemente utilizando planos de dados limitados. Essa realidade compromete de maneira séria a capacidade de muitos estudantes de participar de aulas online e acessar materiais educativos digitais de forma adequada.

Além disso, a transição para o ensino remoto impôs um peso adicional considerável aos educadores. Muitos professores tiveram que adaptar suas metodologias de maneira abrupta para plataformas digitais, muitas vezes sem o treinamento necessário ou com a infraestrutura tecnológica adequada. Como destaca Ribeiro (2020, p. 6), "fomos colocados em uma plataforma online que muitos não conheciam, sem mencionar as dificuldades enfrentadas por vários colegas na adoção da tecnologia". Essa situação não apenas elevou o estresse e a carga de trabalho dos docentes, mas também suscitou questões relevantes sobre a qualidade e a eficácia do ensino nesse novo formato.

A precarização do trabalho docente tornou-se ainda mais evidente nesse cenário. Muitos professores precisaram arcar com gastos extras para adquirir equipamentos e melhorar suas conexões de internet, além de enfrentarem um aumento significativo em suas jornadas de trabalho. Araújo (2020, p. 34) ressalta essa situação ao afirmar que "a qualquer momento somos exigidos a dar conta de tarefas, produção de materiais, envio de aulas e correção". Essa intensificação do trabalho, frequentemente não recompensada de maneira adequada, levanta preocupações sérias sobre a viabilidade desse modelo a longo prazo.

O impacto do ensino remoto apresenta variações consideráveis de acordo com o nível educacional e a natureza das disciplinas. Para os educadores da educação infantil, como observa Sebastião (2020, p. 8), a transição foi particularmente desafiadora: "é uma situação tensa, pois meu trabalho diário envolve rodas de conversa, contar histórias e cantar, além de atividades de arte, ciências, jogos e brincadeiras presencialmente". Essas experiências salientam a importância da interação presencial no processo educativo, especialmente para crianças pequenas.

É fundamental reconhecer que, apesar de o ensino remoto ter se tornado indispensável durante a pandemia, não deve ser visto como uma solução permanente ou um substituto para a educação presencial. Como argumenta Colemarx (2020), é imprescindível questionar soluções que ignoram as experiências e conhecimentos dos profissionais da educação, assim como as complexidades do contexto social em que estão inseridos. A transição para o ensino remoto ocorreu em um momento em que os próprios educadores enfrentavam desafios relacionados ao isolamento social, preocupações financeiras e de saúde, além de responsabilidades familiares adicionais.

Além disso, é vital refletir sobre as implicações a longo prazo dessa experiência para o futuro da educação. Enquanto alguns defendem que a pandemia acelerou uma transição inescapável para modelos de ensino mais digitais, outros, como Gaia (2020), sugerem que essa vivência pode resultar em uma maior valorização dos contatos reais e espaços de integração social. Essa perspectiva sublinha a necessidade de manter um equilíbrio entre inovação tecnológica e interação humana na educação.

A pandemia também evidenciou e intensificou problemas estruturais já existentes no sistema educacional, como a histórica desvalorização do trabalho docente e o crônico subfinanciamento da educação pública. Em um contexto de cortes orçamentários e ataques políticos ao setor educacional, a implementação do ensino remoto frequentemente ocorreu sem o suporte adequado, tanto para educadores quanto para estudantes. É crucial entender que a adoção generalizada do ensino remoto não acontece em um vácuo político ou econômico. Existem preocupações legítimas de que interesses hegemônicos possam ver nessa modalidade uma oportunidade para explorar ainda mais o

trabalho docente, alinhando-se a ideologias neoliberais que priorizam a eficiência econômica em detrimento do bem-estar e do desenvolvimento integral de estudantes e educadores.

Desafios para os Docentes Frente à Covid-19

A pandemia do coronavírus (COVID-19) trouxe à tona desafios consideráveis para a educação no Brasil, exacerbando desigualdades socioeconômicas profundamente enraizadas. Esse cenário complexo requer uma análise profunda das múltiplas dimensões da realidade educacional durante este período, contemplando tanto a perspectiva dos educadores quanto a dos alunos.

Os docentes enfrentam dificuldades na adaptação de suas práticas pedagógicas e na superação das limitações tecnológicas. Por sua vez, os estudantes, especialmente aqueles provenientes de famílias de baixa renda, confrontam obstáculos ainda mais severos, intimamente relacionados às suas condições econômicas e sociais.

O acesso à tecnologia emergiu como um elemento crucial para a manutenção da educação durante a pandemia, colocando em evidência uma das principais fontes de desigualdade. Segundo Colemarx (2020), as condições habitacionais dos alunos estão profundamente ligadas à sua capacidade de utilizar de maneira eficaz as tecnologias requeridas para o ensino remoto. Muitas famílias brasileiras vivem em condições precárias e limitadas, o que dificulta a criação de um ambiente favorável ao aprendizado.

A crise sanitária tornou evidente as carências socioeconômicas e espaço-sociais existentes no Brasil. No domínio da educação, fica claro que essas desigualdades comprometem as oportunidades de ascensão social dos alunos em situação de vulnerabilidade. Leher (2020) alerta que um sistema educacional desigual pode resultar em consequências gravíssimas para o futuro da educação pública.

A pandemia da COVID-19 revelou como as disparidades socioeconômicas exacerbam as dificuldades enfrentadas pela população. Muito além da falta de recursos, a segregação educacional perpetua os privilégios das

elites. Embora a problemática da pobreza e da desigualdade seja de natureza sistêmica, a crise sanitária expôs a negligência histórica dos governantes em relação a grupos marginalizados, incluindo o setor educacional.

O contraste entre as realidades dos alunos de diferentes classes sociais se torna ainda mais evidente. Enquanto estudantes de famílias privilegiadas têm acesso a recursos como tutores particulares e tecnologias avançadas, a maioria da população se depara com uma realidade totalmente oposta. Nas periferias e favelas, a prioridade é assegurar a sobrevivência diante da ameaça do vírus, relegando a educação a um segundo plano em meio à precariedade das condições de vida.

O Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologia (2020) ressalta as profundas desigualdades nas condições de habitação entre as diversas classes sociais. Enquanto as classes média e alta usufruem de espaços amplos que favorecem a realização de atividades tanto individuais quanto coletivas, as classes populares frequentemente habitam em cômodos reduzidos, o que dificulta a interação entre várias pessoas e torna quase impossível estabelecer uma rotina de estudos que exige concentração e dedicação.

A pandemia acelerou um processo de degradação da educação pública, resultante da rápida implementação de metodologias de ensino a distância, sem o devido planejamento. A regulamentação dessa transição, por meio do Parecer 05/2020 do Conselho Nacional de Educação (CNE), embora busque garantir uma rotina escolar básica, acaba por transferir para os pais ou responsáveis a maior parte da responsabilidade pelo processo educativo. Contudo, muitos desses responsáveis não dispõem das condições necessárias para desempenhar essa função adequadamente. É essencial reconhecer que os desafios enfrentados pelos alunos se manifestam de maneiras diversas, sendo mais evidentes para aqueles com um senso crítico apurado, que entendem como a falta de justiça social e econômica impacta suas trajetórias educacionais. Por outro lado, discursos liberalistas tendem a culpar os estudantes pelo seu desempenho, promovendo uma perspectiva meritocrática que desconsidera as desigualdades estruturais profundas.

Nesse contexto adverso, algumas iniciativas políticas buscam amenizar os impactos da pandemia no acesso à educação. Propostas como o PL

3.462/2020 e o PL 3.466/2020, que visam criar auxílios financeiros para que estudantes de baixa renda contratem planos de internet, representam esforços significativos para reduzir a exclusão digital. Embora tais medidas, por si só, não resolvam a imensa desigualdade no Brasil, elas são notáveis por constituírem passos em direção a um progresso gradual, especialmente para as populações mais vulneráveis.

É imprescindível ter em consideração que a educação é um direito universal, conforme é preconizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). A pandemia não modifica os princípios estabelecidos na Declaração dos Direitos Humanos e na Constituição brasileira, os quais garantem a educação gratuita e voltada para o desenvolvimento integral do indivíduo.

A pandemia da COVID-19 trouxe desafios inéditos para o setor educacional, exigindo uma adaptação veloz ao ensino remoto. Este contexto requereu mudanças substanciais nas metodologias de ensino, fazendo com que os educadores se vissem forçados a se adaptar e atualizar continuamente, frequentemente sem a formação ou os recursos adequados. O Ministério da Educação (MEC), por meio da portaria nº 343, viabilizou a substituição das aulas presenciais por encontros online, como uma estratégia para assegurar a continuidade do aprendizado. Essa transição abrupta transformou a educação em uma atividade remota, que passou a depender da tecnologia e do distanciamento físico, algo que Harris (2020) descreveu como uma reinicialização do sistema educacional.

Esse novo ambiente educacional foi marcado por inovações tecnológicas rápidas, visando atender às demandas que estavam em constante evolução. O uso intensivo de ferramentas digitais resultou no que Doukakis e Alexopoulos (2020) denominaram "ensino remoto de emergência". Essa nova abordagem pedagógica exigiu um esforço adicional dos educadores, conforme salienta Danjou (2020).

Os docentes enfrentaram uma série de obstáculos. Para além das limitações tecnológicas, como as dificuldades de conexão à internet citadas por Shapiro et al. (2017) e Неборский et al. (2020), tiveram que lidar com a escassez de habilidades ou experiências no uso das Tecnologias de Informação e

Comunicação (TICs). Muitos encontraram desafios para organizar aulas em formato de vídeo e utilizar eficientemente plataformas de e-learning como o Moodle. Por outro lado, aplicativos para computador e smartphone tornaram-se ferramentas fundamentais para atender diversas necessidades educacionais e promover a interação online, conforme previsto por Jacobs em 1965. Montealegre-Ortiz et al. (2010) ressaltaram que o uso apropriado dessas tecnologias pode facilitar a aprendizagem interativa e estimular a motivação dos alunos.

Esse novo cenário demandou dos professores uma capacidade de adaptação e criatividade sem precedentes. Danjou (2020) e Doukakis e Alexopoulos (2020) sublinharam a importância de os docentes continuarem a oferecer oportunidades educacionais de qualidade, mesmo diante das adversidades. Isso resultou na rápida adoção de métodos de ensino online e na busca por soluções educacionais em um tempo limitado, muitas vezes com recursos tecnológicos e humanos escassos.

O planejamento das aulas e a seleção de métodos de ensino adequados para o ambiente online foram desafios consideráveis para muitos educadores. Doukakis e Alexopoulos (2020) apontam que as competências e conhecimentos de vários docentes eram insuficientes ou ineficazes para essa nova realidade, levando a níveis elevados de estresse.

A pressão para alcançar metas institucionais, aliada às dificuldades no uso da tecnologia para a gravação de aulas, resultou em doenças entre vários professores. Esse cenário sublinha a necessidade urgente de pesquisas que investiguem os impactos do ensino remoto na rotina dos educadores, principalmente em relação ao uso intenso da tecnologia e aos riscos para a saúde mental.

A pandemia de COVID-19 causou uma disrupção sem precedentes nos sistemas educacionais, obrigando escolas e universidades a uma rápida transição para o ensino remoto emergencial (Verdasca et al., 2020a). Essa mudança repentina trouxe uma série de desafios, mas também incentivou inovações pedagógicas e tecnológicas no âmbito educacional. Como observado, "O novo contexto e a necessidade de continuar oferecendo oportunidades de aprendizado aos alunos de forma não presencial, dadas as condições sanitárias,

testaram a criatividade e a capacidade inovadora dos professores" (Verdasca et al., 2020, p. 2).

Um dos principais efeitos foi a obrigação de adaptar rapidamente professores e alunos às plataformas e ferramentas digitais para garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem. Muitos docentes, sem experiência prévia em ensino online, tiveram que se adaptar rapidamente a novas metodologias e tecnologias (Verdasca et al., 2020). Isso exigiu um esforço substancial em formação e autoformação para desenvolver habilidades digitais e pedagógicas adequadas ao contexto remoto.

A análise das experiências dos professores, conforme ilustrado no artigo, categoriza-as em cinco grupos principais:

i) Mudanças nos processos, tempos e espaços de trabalho dos educadores; ii) estratégias mais eficazes; iii) vivências e práticas escolares com alunos e famílias; iv) confinamento e riscos percebidos para os alunos; v) conscientização dos alunos sobre a importância da escola (Verdasca et al., 2020, p. 3).

A citação de Verdasca et al. (2020) destaca aspectos fundamentais das transformações educacionais em contextos desafiadores, como a pandemia da Covid-19. O primeiro ponto diz respeito às adaptações necessárias nos processos, tempos e espaços de trabalho dos educadores, refletindo a transição para o ensino remoto e híbrido.

O segundo aspecto refere-se à busca por estratégias mais eficazes, enfatizando a necessidade de metodologias inovadoras que mantenham o engajamento dos alunos e reduzam as dificuldades impostas pelo novo cenário educacional. O terceiro ponto ressalta as experiências e práticas escolares, sublinhando a interação entre alunos, professores e famílias, a qual se tornou ainda mais crucial no ensino remoto.

Outro fator relevante é o confinamento e seus riscos para os alunos, o que abrange impactos emocionais, dificuldades de aprendizagem e desigualdades no acesso à educação. Por último, destaca-se a conscientização dos alunos sobre a importância da escola, um elemento essencial para reafirmar o valor da educação e seu papel na transformação social.

Esses elementos evidenciam a complexidade dos desafios enfrentados pelo sistema educacional e a necessidade de estratégias eficazes para promover inclusão e qualidade no aprendizado, tanto durante quanto após períodos de crise.

A EJA na Pandemia

No final de 2019, um evento crucial na saúde global teve início em Wuhan, localizada na província de Hubei, na China. Um novo vírus, posteriormente denominado COVID-19 ou novo Coronavírus, surgiu, desencadeando uma sequência de acontecimentos que impactariam o mundo. Inicialmente, os casos foram classificados como pneumonia de etiologia desconhecida, levando diversos profissionais de saúde a presumir tratar-se de pneumonia comum.

Com o passar do tempo, a gravidade da situação tornou-se evidente, e a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi convocada para investigar o aumento dos casos. A identificação do vírus como um novo Coronavírus, capaz de provocar síndrome respiratória aguda, internações hospitalares e, em situações extremas, óbitos, representou um marco fundamental na compreensão da doença. No início de janeiro de 2020, a OMS intensificou seus esforços para reunir mais informações sobre os primeiros casos de COVID-19. O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, manifestou preocupação pela ausência de acesso a dados do governo chinês sobre os casos iniciais, enfatizando a necessidade de pesquisas mais aprofundadas.

A rápida progressão da situação levou a OMS a declarar, em 30 de janeiro de 2020, que o surto do novo Coronavírus constituía uma emergência de saúde pública de preocupação internacional. A velocidade de disseminação do vírus tornou-se uma preocupação ainda maior do que sua gravidade original. Em 11 de março de 2020, a OMS categorizou a COVID-19 como uma pandemia, reconhecendo que a propagação do vírus já ultrapassava 100.000 casos em mais de 100 países.

A pandemia impôs uma nova realidade, levando governos ao redor do mundo a implementar medidas rigorosas, formalizadas em leis e normas, com o intuito de conter a disseminação da doença. Entre essas medidas, o

distanciamento social recomendado pela OMS e adotado na maioria dos países resultou no fechamento de escolas e na suspensão das aulas presenciais em redes de ensino públicas e privadas, tanto no ensino básico quanto no superior.

As repercussões dessas medidas no setor educacional foram significativas. Dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) indicaram que o fechamento das instituições de ensino afetou diretamente mais de 72% da população estudantil global. No Brasil, o Ministério da Educação, por meio da Portaria n.º 343 de 17 de março de 2020, decidiu substituir as aulas presenciais por aulas em plataformas digitais.

A transição abrupta para o ensino remoto evidenciou uma série de desafios e preocupações significativas no âmbito educacional. Temas como as condições de trabalho dos docentes, a qualidade do ensino e aprendizagem, a relevância dos conteúdos abordados e o desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas no aluno tornaram-se mais prementes do que nunca.

O cenário da educação brasileira, já caracterizado por inúmeras dificuldades, teve que se ajustar às novas exigências impostas pela pandemia. A implementação do ensino remoto em todas as instituições, tanto públicas quanto privadas, revelou-se particularmente problemática para certos grupos de estudantes. Por exemplo, os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfrentaram grandes barreiras. Enquanto as aulas remotas já eram desafiadoras para os mais jovens, que geralmente possuem maior familiaridade com a tecnologia, para os alunos adultos e idosos, essa nova realidade se transformou em um verdadeiro pesadelo.

A adoção do ensino remoto não apenas evidenciou as desigualdades socioeconômicas e culturais do Brasil, mas também expôs as sérias disparidades sociais que já afetavam a população vulnerável. Essa mudança repentina para o ambiente digital revelou e acentuou as lacunas no acesso à tecnologia e na alfabetização digital, ressaltando a emergência de políticas educacionais que sejam mais inclusivas e adaptáveis às diversas realidades dos estudantes brasileiros.

A pandemia da Covid-19 impôs desafios sem precedentes para a educação, especialmente para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O fechamento das escolas como medida de combate ao vírus provocou uma

transformação radical nas salas de aula da EJA, convertendo-as em ambientes de aprendizagem virtuais. Essa alteração impactou não apenas os estudantes, mas também teve um efeito profundo nas famílias e educadores, que se viram compelidos a se adaptar rapidamente a essa nova realidade educacional.

O ensino remoto emergencial, introduzido em decorrência da crise sanitária, revelou e acentuou as desigualdades preexistentes no sistema educacional. Muitas famílias enfrentaram o desafio de articular suas atividades laborais com as demandas educacionais dos filhos, frequentemente em ambientes reduzidos e com recursos limitados. Essa situação foi ainda mais desafiadora para adultos com baixa escolaridade ou analfabetos, que se viram isolados e assumiram a responsabilidade de auxiliar seus filhos nas atividades escolares remotas.

A transição para o ensino remoto trouxe à tona uma série de dificuldades tecnológicas e pedagógicas. Muitos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) não dispunham de computadores ou dispositivos eletrônicos adequados, nem de uma conexão de internet satisfatória, o que comprometeu sua participação nas aulas online. Além disso, a falta de familiaridade com as plataformas digitais de aprendizagem constituiu um obstáculo adicional tanto para os alunos quanto para os educadores.

Valle e Marcom (2020) ressaltam a necessidade urgente de os educadores reavaliarem as formas de interação e mediação no processo de ensino-aprendizagem. Os autores afirmam que os professores foram compelidos a se reinventar e buscar alternativas para assegurar o acesso dos alunos ao conhecimento, na tentativa de preservar o ano letivo. Essa situação demandou uma adaptação rápida e criativa, levando educadores e alunos a explorarem novas possibilidades e estratégias de interação que superassem as limitações impostas pelo distanciamento físico.

A formação de professores tornou-se um desafio significativo nesse contexto pandêmico, especialmente para os profissionais da EJA. Cavalcante (2017) já havia destacado as dificuldades que a EJA enfrentava em Alagoas para obter visibilidade e garantir direitos, mesmo após a promulgação da Constituição Federal de 1988. A pandemia apenas intensificou essas desigualdades,

evidenciando a necessidade urgente de políticas de formação docente mais eficazes e que estejam alinhadas à nova realidade educacional.

Tardif (2002) aponta que o desenvolvimento do saber profissional está intrinsecamente ligado às fontes e espaços de aquisição, assim como às diversas fases de construção do conhecimento. No entanto, a realidade imposta pela pandemia evidenciou que muitos professores não possuíam a formação continuada necessária para atuar de maneira eficaz em um ambiente remoto, especialmente em situações de emergência como a que estamos vivenciando.

A transição para ambientes digitais de ensino, que antes era mais evidente no ensino superior, tornou-se uma necessidade urgente na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Morais e Pereira (2009) ressaltam que a educação a distância transforma a relação entre espaço e tempo estabelecida pela escola tradicional, sendo mediada por tecnologias. Essa transformação exigiu uma adaptação significativa tanto de professores quanto de alunos, desafiando os métodos pedagógicos convencionais e demandando novas formas de ensinar e aprender.

Moreira, Henrique e Barros (2020) afirmam que, neste novo cenário, os educadores não devem se restringir apenas à transmissão de conhecimentos, mas também precisam atuar como orientadores no processo de aprendizagem. É essencial que os professores promovam o desenvolvimento das habilidades dos alunos, estimulando a autoaprendizagem e a autonomia. Essa abordagem inovadora impõe responsabilidades adicionais aos educadores, como o planejamento e a condução de aulas online, a criação de conteúdos audiovisuais e o estabelecimento de um contato constante com os alunos em plataformas digitais, como o WhatsApp.

Durante o período de distanciamento social, as práticas pedagógicas nas turmas de EJA demandaram uma reinvenção por parte dos educadores. É crucial que essas novas metodologias não apenas aprimorem o ensino e a aprendizagem, mas também adaptem a educação à realidade digital. Nesse contexto, o professor assume o papel de mediador e facilitador, integrando os conhecimentos e experiências culturais dos alunos de EJA em um formato de ensino remoto.

A virtualização das aulas impôs um desafio sem precedentes para os professores em Alagoas. Face à falta de preparação adequada, os educadores foram forçados a se adaptar ao ensino remoto, substituindo métodos tradicionais por novas tecnologias. Essa mudança abrupta exigiu uma reflexão crítica sobre práticas pedagógicas, metodologias de ensino e formas de avaliação, visando proporcionar uma experiência de aprendizado mais envolvente e dinâmica para os alunos da EJA, que enfrentam diversas adversidades.

Valle e Marcom (2020) destacam que a crise ocasionada pela Covid-19 trouxe transformações significativas nas escolas. Um dos principais desafios foi a necessidade urgente de um novo perfil de professor, capaz de ensinar em um ambiente repleto de contradições, tanto internas quanto externas ao contexto escolar. Esta realidade evidenciou a urgência de políticas de formação continuada que preparem os educadores para lidar com as complexidades do ensino remoto e híbrido.

O panorama educacional contemporâneo apresenta desafios específicos que demandam uma análise minuciosa das metodologias de ensino e das políticas educacionais, com foco particular na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e em estudantes em situação de vulnerabilidade digital. A pandemia da COVID-19 não apenas evidenciou, mas também intensificou as desigualdades já presentes no sistema educacional, exigindo dos educadores e gestores uma abordagem mais inclusiva e adaptável.

A exclusão digital, que era uma realidade para muitos alunos antes do surgimento da pandemia, tornou-se um obstáculo ainda mais considerável para a aprendizagem. Valle e Marcon (2020) ressaltam a necessidade urgente de implementar soluções que minimizem os efeitos adversos do distanciamento social, salientando as lacunas que podem emergir da falta de interação presencial. Eles afirmam: "A maior preocupação diante da pandemia é exatamente encontrar possibilidades e estratégias para reduzir os efeitos negativos do isolamento temporário, mas precisamos ficar atentos às evidências que nos indicam lacunas de diversas naturezas que certamente serão criadas pela falta da interação presencial" (p. 147).

Nesse cenário, os educadores enfrentam o desafio de desenvolver práticas pedagógicas que sejam inclusivas e acessíveis a todos os alunos,

independentemente de suas condições socioeconômicas ou da disponibilidade de tecnologias. Isso pode incluir a criação de materiais impressos, o uso de tecnologias de baixo custo, como chamadas telefônicas e mensagens de áudio, e a adaptação do conteúdo para plataformas mais simples, como o WhatsApp. No entanto, é fundamental reconhecer que essas iniciativas, por si só, podem não ser suficientes para alcançar todos os estudantes, especialmente aqueles que estão em situações de alta vulnerabilidade.

A legislação educacional e as diretrizes emergenciais implementadas durante a pandemia revelaram uma lacuna significativa no que tange à Educação de Jovens e Adultos (EJA). O parecer CNE/CP nº 05/2020, por exemplo, não forneceu orientações específicas para o ensino remoto ou para metodologias adaptadas, ao contrário das diretrizes detalhadas direcionadas a outros níveis de ensino. Essa omissão evidencia a vulnerabilidade histórica da EJA no contexto educacional brasileiro, evidenciando a necessidade premente de políticas mais inclusivas que levem em consideração as particularidades desse público.

Gonçalves (2020) critica essa desatenção, afirmando que "Mas ainda não conseguimos discutir um modelo de EaD que dê conta das demais modalidades de ensino, quem dirá para EJA. É colocar embaixo do tapete todas as demandas por educação e atendimento de qualidade para jovens e adultos" (p. 3). Essa declaração ressalta a urgência de se desenvolver modelos educacionais que sejam verdadeiramente inclusivos e que atendam às diversas necessidades dos estudantes da EJA.

Diante desta realidade desafiadora, os professores tiveram que reinovar suas práticas pedagógicas, buscando formas inovadoras que estimulem a construção e a reflexão do conhecimento de maneira colaborativa. É essencial que os educadores convertam os obstáculos em oportunidades para estabelecer novas metodologias de ensino, que sejam ajustadas às realidades trazidas pela pandemia e às necessidades específicas de seus alunos.

Santos (2020) apresenta uma análise crítica sobre o caráter discriminatório da pandemia, indicando como ela afeta de maneira desigual diferentes grupos sociais. O autor menciona que "Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mesmo assim cria-se com ela uma consciência

de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos" (p. 7). Essa reflexão nos leva a considerar as contradições da situação atual, onde a solidariedade se manifesta, paradoxalmente, pelo distanciamento físico.

Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) indicam uma redução significativa na proporção de alunos da EJA em relação ao total de estudantes da Educação Básica no Brasil. Em 2010, os alunos da EJA representavam 8,3% do total, enquanto em 2019 essa porcentagem caiu para 6,7%, resultando em uma diminuição de 1.051.919 matrículas. Essa tendência de queda prosseguiu em 2020, com uma redução adicional de 8,3% nas matrículas em comparação ao ano anterior.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) sofreu um impacto significativo devido à pandemia de Covid-19. No ano de 2020, as matrículas apresentaram uma redução de 8,3% em relação ao ano anterior, o que corresponde a aproximadamente 270 mil alunos a menos. Essa tendência de declínio continuou em 2021, com uma nova queda de 1,3% nas matrículas. Esses números destacam os desafios que essa modalidade educacional já enfrentava antes do cenário pandêmico.

O Inep conduziu uma pesquisa intitulada Resposta Educacional à Pandemia de COVID-19 no Brasil, que revelou as estratégias implementadas por escolas e redes de ensino para lidar com os problemas decorrentes da crise de saúde. Segundo Danilo Dupas, presidente do Inep, a pesquisa trouxe informações valiosas sobre como as instituições mantiveram a continuidade do ensino em 2020. Esses dados são essenciais para entender os efeitos da pandemia no sistema educacional brasileiro, bem como para a elaboração de políticas públicas que visem a minimizar esses impactos (Inep, 2021).

A Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC) também sublinhou a importância dessas informações para a tomada de decisões pelos gestores educacionais. Mauro Luiz Rabelo, secretário da SEB/MEC, destacou que os dados do Inep são fundamentais para o Painel de

Monitoramento da Educação Básica no Contexto da Pandemia. Ele revelou que o MEC tem prestado apoio a estados e municípios na mitigação das consequências adversas da crise educacional (Inep, 2021).

Além disso, um estudo do Banco Mundial estimou que os estudantes brasileiros poderiam perder até 1,3 ano de aprendizado devido ao fechamento prolongado das escolas durante a pandemia. Essa perda educacional pode ter repercussões duradouras, afetando não apenas o desempenho acadêmico dos alunos, mas também suas futuras oportunidades de emprego e renda (Banco Mundial, 2022). O Banco Mundial destacou que as regiões Norte e Nordeste foram as mais impactadas pela crise educacional, devido às dificuldades em oferecer um ensino remoto eficaz.

A pandemia acentuou desigualdades preexistentes na educação brasileira. Muitos alunos da EJA enfrentaram desafios adicionais com o ensino remoto, como a falta de acesso à internet e a dispositivos eletrônicos. Ademais, esses estudantes frequentemente precisam equilibrar os estudos com suas atividades profissionais e responsabilidades familiares, o que intensificou a evasão escolar durante esse período crítico (Inep, 2021; Banco Mundial, 2022).

Considerações Finais

A educação representa um processo dinâmico cujo objetivo é proporcionar aos indivíduos acesso a um ensino de qualidade. No âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é fundamental que essa meta seja atingida com equidade, já que uma de suas funções primordiais é a correção de desigualdades. Durante a pandemia, a implementação de recursos digitais tornou-se imprescindível; contudo, muitos alunos que demonstram interesse por essa modalidade de ensino não possuem familiaridade com essas tecnologias. Essa lacuna no conhecimento resultou em um aumento da evasão escolar, visto que a necessidade de participar de aulas online e realizar atividades em computadores levou muitos a abandonarem os estudos. A pesquisa aponta que a falta de proficiência tecnológica é uma das principais causas da evasão. Além disso, muitos estudantes desistiram antes mesmo de iniciar, uma vez que as aulas virtuais exigem um nível mais elevado de comprometimento, e nem todos

estão preparados para essa exigência. Aspectos como acolhimento, criação de vínculos e uma atenção cuidadosa, que são cruciais na EJA, não se concretizam de forma eficaz no ambiente virtual.

Dessa maneira, a pesquisa atingiu seus objetivos, evidenciando a necessidade de que a EJA seja oferecida de maneira presencial. É igualmente essencial que os profissionais da educação estejam preparados para atender a esse público, levando em conta suas dificuldades de acesso ao ensino. Ademais, a colaboração da equipe escolar é vital para fornecer o suporte necessário, disponibilizando espaços de informática e orientações adequadas, garantindo assim uma educação inclusiva e eficaz.

Referências

ARAUJO, Renata Mendes et al. COVID-19, mudanças em práticas educacionais e a percepção de estresse por docentes do ensino superior no Brasil. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 28, p. 864-891, 2020.

Arruda, D. de O.; Osório, A. C. do N.; Silva, S. S. A. (2020). A Educação de Jovens e Adultos em tempos de pandemia: contradições e racionalidades em evidência. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, número especial, p. 398-416, jun./out.

CAVALCANTE, João Roberto et al. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, p. e2020376, 2020.

COLE, Harriet et al. **Working Group on Mixed Fisheries Methodology (WGMIXFISH-METHODS)**. 2022.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL–CGI. br. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**, 2018.

DANJOU, Pierre-Edouard. Distance teaching of organic chemistry tutorials during the COVID-19 pandemic: Focus on the use of videos and social media. **Journal of Chemical Education**, v. 97, n. 9, p. 3168-3171, 2020.

DOUKAKIS, Spyridon; ALEXOPOULOS, Evita C. Knowledge Transformation and Distance Learning for Secondary Education Students-The Role of Educational Neuroscience. In: **2020 5th South-East Europe Design Automation, Computer Engineering, Computer Networks and Social Media Conference (SEEDA-CECNSM)**. IEEE, 2020. p. 1-5.

GAIA, Ronan da Silva Parreira. Subcidadania, raça e isolamento social nas periferias brasileiras: reflexões em tempos de COVID-19. **Revista Thema**, v. 18, p. 92-110, 2020.

GONÇALVES, F. R. **A busca ativa como recurso para evitar o abandono e a evasão escolar durante a pandemia da Covid-19**, 2020.

GRUPO EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA – GEC. **Educação em tempos de pandemia**: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19. Org.: Nelson de Luca Pretto, Maria Helena Silveira Bonilla, Ivânia Paula Freitas de Souza Sena. Salvador: Edição do autor, 2020.

HARRIS, Alma. COVID-19—school leadership in crisis?. **Journal of professional capital and community**, v. 5, n. 3/4, p. 321-326, 2020.

LEHER, Roberto. Mercantilização da educação, precarização do trabalho docente e o sentido histórico da pandemia Covid 19. **Revista de Políticas Públicas**, v. 26, p. 78-102, 2022.

MORAES, Raquel Almeida; PEREIRA, Eva Waisros. A política de educação a distância no Brasil e os desafios na formação de professores na educação superior. Seminário do Histedbr. **Eixo2**. História, políticas públicas e educação, 2009.

ORTIZ, Maria C. Montealegre et al. Implementation of podcast and clickers in two biology courses at Los Andes University and impact evaluation in the teaching-learning process. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 2, n. 2, p. 1767-1770, 2010.

Pasin, C. G. D. **Educação híbrida em tempos de pandemia**: algumas considerações. Santa Maria: FAPERGS, 2020.

RIBEIRO-SILVA, Rita de Cássia et al. Implicações da pandemia COVID-19 para a segurança alimentar e nutricional no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 3421-3430, 2020.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. Covid-19, causas fundamentais, classe social e território. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, p. e00280112, 2020.

SEBASTIÃO, Helder Miguel Correia Virtuoso. COVID-19, “Blockchain” e moeda digital. **Um Vírus que nos Re (Une): Reflexões da FEUC**, p. 185-189, 2020.

SHAPIRO, Adam Hale et al. Monitoring the inflationary effects of COVID-19. **FRBSF Economic Letter**, v. 2020, n. 24, p. 01-06, 2020.

TARDIF, Maurice. Lugar e sentido dos conhecimentos universitários na formação dos profissionais do ensino. **Rumos da Educação Superior**. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 2002.

VALLE, Paulo Dalla; MARCOM, Jacinta Lucia Rizzi. Desafios da prática pedagógica e as competências para ensinar em tempos de pandemia. **Desafios da educação em tempos de pandemia. Cruz Alta: Ilustração**, p. 139-153, 2020.

VERDASCA, Ana et al. Melhorar Aprendizagens em Matemática pelo uso Intencional de Recursos Digitais: o Hypatiamat como intervenção preventiva na CIM do Ave. 2020.

НЕБОРСКИЙ, Егор Валентинович et al. Переход на дистанционное обучение в условиях COVID-19 в оценках профессорско-преподавательского состава. **Перспективы науки и образования**, n. 4 (46), p. 99-110, 2020.